



4573 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT22 - Educação Ambiental

Educação ambiental e educação à distância: reflexões acerca (da falta) do engajamento corporal
Valéria Ghislotti Iared - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Educação ambiental e educação à distância: reflexões acerca (da falta) do engajamento corporal

Resumo: O campo da educação, de maneira geral, vem sendo convidada nas últimas décadas a se envolver na modalidade à distância. No entanto, essa questão vem sendo acompanhada com preocupação e cuidado por pesquisadores da área. Para a educação ambiental, em específico, essa abordagem tem a potencialidade de contribuir e/ou silenciar alguns aspectos que são considerados princípios caros para os autores do campo de pesquisa. O objetivo desse estudo é realizar uma breve análise sobre as potencialidades e fragilidades de processos formativos de educação ambiental na modalidade à distância. Esse ensaio teórico traz para a discussão o viés fenomenológico pontuando a preocupação com o engajamento corporal e sensorial nas práticas educativas. A reflexão não tem o intuito de fazer uma oposição ao formato da educação à distância, mas, sim, de não concebê-lo como uma forma que pode ser amplamente aceita sem restrições e perdas os processos formativos em educação ambiental.

Palavras-chave: educação estética, educação sensorial, tecnologias

Introdução

Opto por iniciar o artigo recorrendo a uma das pesquisas mais antigas na educação ambiental, a de Lucas (1999), mas que como salienta Gough e Gough (2010), tornou-se um mantra no campo. Arthur Lucas (1979) realizou uma tese de doutorado na qual apontou três tendências na educação ambiental: educação *sobre*, *no* e *para* o ambiente. A primeira abordagem, educação *sobre* o meio ambiente, enfatiza a transmissão da informação como prática educativa. A segunda perspectiva, educação *no* meio ambiente, valoriza os estudos do meio e as atividades em áreas naturais como possibilidade de despertar o vínculo afetivo com a natureza. Já a terceira abordagem, educação *para* o ambiente, traz a importância o envolvimento coletivo na construção de políticas públicas para a transformação social.

Esses resultados apontados por Lucas (1999) foram sendo, gradualmente, ressignificados por outras teorias e pesquisas no campo da educação ambiental. No Brasil, uma publicação renomada que trouxe os vários endereçamentos da educação ambiental, foi o livro *Identidades da educação ambiental brasileira* (LAYRARGUES, 2004). Na literatura internacional, a publicação do *International handbook on environmental education* (STEVENSON et al., 2013), também demonstra o quanto a educação ambiental, hoje, pode ser enxergada sob diversas lentes e referenciais teóricos-metodológicos.

Não é objetivo desse breve ensaio discorrer sobre essas diferentes perspectivas, as quais estão embasadas em diferentes pensamentos filosóficos. Mas pontuo que nas minhas pesquisas, venho adotando o viés fenomenológico e baseada em autores como Merleau-Ponty (1999), Tim Ingold (2017) e Sarak Pink (2009) e, portanto, é sob essa lente que farei uma análise das potencialidades e fragilidades da modalidade à distância na educação ambiental. Logo, esse estudo tem por finalidade traçar potencialidades e desafios nos processos formativos de educação ambiental à distância sob à luz da fenomenologia.

Procedimentos metodológicos

Para embasar a análise realizada, em um primeiro momento, foi realizado, em março de 2019, um levantamento de artigos que descreviam pesquisas ou relatos de experiência com o tema proposto. Nesse sentido, optou-se por duas bases de dados: ERIC e Portal de Periódicos da Capes. A base de dados ERIC - *Education Resources Information Center* foi escolhida para ser utilizada nesta investigação por ser considerada uma das mais populares e acessadas por pesquisadores da educação. O Portal da Capes reúne diversos conteúdos de âmbito nacional e internacional em formato eletrônico.

Para a base de dados ERIC, foi selecionado o seguinte descritor: "environmental education" e "distance education", escritos juntos para que identificasse apenas artigos com esses dois assuntos. No caso do Portal da Capes, o descritor selecionado foi "educação ambiental" e "educação distância", também de maneira conjunta. Os descritores poderiam ser encontrados no título, resumo e palavra-chave. A base de dados ERIC levantou 23 artigos, enquanto o Portal da Capes levantou três. Após a leitura do item "resumo" de todos esses artigos, foram selecionados, para embasar nossa discussão, seis artigos da base ERIC e dois artigos do Portal da Capes, os quais, de fato, abordavam explicitamente a educação ambiental na modalidade à distância:

- HAFEZI, S.; SHOBEIRI, S. M.; SARMADI, M.R.; EBADI, A.: A Novel Conceptual Model of Environmental Communal Education: Content Analysis Based on Distance Education Approach. 2013.
- BRONSON, S.; JONES, K. W.; BROWN, M.: Bringing the Tools of Big Science to Bear on Local Environmental Challenges. 2013.
- MCHENRY, N.; ALVARE, B.; BOWES, K.; CHILDS, A.: Sharing the Environment: Cultural Exchange through Inquiry-Based Environmental Education in Trinidad and Tobago (T & T) and the United States. 2013.
- KAUL, M.; AKSELA, M.; WU, X.: Dynamics of the Community of Inquiry (CoI) within a Massive Open Online Course (MOOC) for In-Service Teachers in Environmental Education. 2018.
- AHMAD, S.; NUMAN, S. Md.: Potentiality of Disaster Management Education through Open and Distance Learning System in Bangladesh Open University. 2015.

- MERETSKY, V. J.; WOODS, T. A. N.: A Novel Approach for Practitioners in Training: A Blended-Learning Seminar Combining Experts, Students and Practitioners. 2013.
- LOPES, M.M.: Educação ambiental na modalidade a distância no Brasil e a investigação de políticas de avaliação qualitativa. 2014.
- FONSECA, A.L.; PEREIRA, B.R.; PAGLIOSAN, P.R.; BORGES DE BITENCOURT, V. J. Um mundo à beira mar, curso de capacitação e alternativas didáticas, uma parceria com a Escola do Mar. 2010.

Resultados e Discussão

Uma primeira análise recai sobre o público participante desses cursos. Muitas das propostas foram desenvolvidas para adultos (manuscritos 1, 3, 4, 5, 6, 8) e desses, três foram específicos para formação continuada de professores (manuscritos 3, 4, 8). Apenas os manuscritos 2 e 3 contemplavam o público infantil e adolescentes. Uma observação para o texto 3 que abrangeu diversos participantes por ser um curso de formação de professores nos EUA e Trinidad e Tobago, com troca de experiências entre professores e alunos dos dois países. O manuscrito 7 trata de uma revisão bibliográfica e pesquisa documental, portanto, não contemplou nenhuma faixa etária em específico.

Outra análise se referiu aos estudos que mesclaram módulos teóricos e práticos, mencionando a oferta de saídas de campo explicitamente. Dos artigos selecionados, apenas três relataram esse formato (manuscritos 2, 3, 8). Importante perceber que as propostas que abrangeram o público infantil e adolescente, também, articularam os módulos à distância (parte teórica) com vivências no ambiente.

A modalidade à distância se mostrou uma opção que merece ser considerada em situações de formação continuada de professores e outros profissionais (é o caso dos manuscritos 1 e 6) que já atuam na área, uma vez que o objetivo principal de uma proposta como essa é a revisão e atualização de conceitos. O texto 5 focou na população em geral acerca de possibilidades de desastres ambientais em Bangladesh, apresentou a modalidade à distância como uma estratégia de comunicação e divulgação de baixo custo e amplo alcance. Da mesma maneira, o estudo 6 relata um curso que só poderia ser concretizado na modalidade à distância, já que envolveu acadêmicos e profissionais atuantes que estavam em regiões distantes.

Os manuscritos 2 e 3 são similares entre si uma vez que atuam com crianças e adolescentes de diferentes países sendo que as vivências de uns eram reportadas aos outros de diferentes culturas e localizações geográficas. Ambos discutem a riqueza dessa troca de experiências para a formação pessoal desses indivíduos e, assim como o 6, só se operacionalizou por ter uma ferramenta de comunicação.

Dos oito manuscritos analisados, quatro (2, 3, 4, 6) identificaram uma lacuna em relação à proximidade com os participantes (colegas ou tutor/ professor), mencionando que a experiência foi impessoal por não haver o contato físico e a linguagem corporal e afetiva. De fato, Ihde (1983) afirma que, ao mesmo tempo que nos deslumbramos pela possibilidade de comunicação em situações de longas distâncias, desejamos um meio tão transparente que acabe por dissolver a presença da mediação tecnológica. O ponto levantado por Payne (2003) é justamente esse: os aparatos tecnológicos falham no que se refere ao engajamento corporal na natureza e nas relações socioambientais com as pessoas e lugares.

Ihde (1983) coloca a postura estética em um *continuum* de graus de envolvimento. De um lado estaria um envolvimento que motiva a ação direta do ser humano no mundo e, do outro, posturas que não engajam uma ação imediata do corpo no mundo como, por exemplo, telas de computadores e televisão. A mediação tecnológica não substitui e não é capaz de despertar os mesmos canais sensoriais, emotivos e afetivos que a experiência direta na natureza. Muito pelo contrário, o movimento corporal é estático, individualista, repetitivo, restrito e ambientalmente limitado. E essa postura é contraditória a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty (1999), Ingold (2017) e Pink (2009), na qual a noção filosófica de percepção é ativa.

Um dos grandes problemas levantados por vários autores é a visão dicotômica de uma natureza separada e externa à nossa presença/ existência/ experiência na educação ambiental (PAYNE, 2003). O autor argumenta sobre como a tecnologia estrutura a experiência humana no ambiente e isso acarreta uma preocupação sobre o tratamento ontológico, o qual tem relevância crítica para as aspirações e legitimidade da educação ambiental. Ou seja, investir cada vez mais nessas ferramentas poderia ir na contramão da virada ontológica/ corporal/ afetiva na educação ambiental.

Conclusão

Retornando ao início do texto, onde foi lembrado as perspectivas de educação ambiental colocadas por Lucas (1979), o ponto crucial seria refletir como poderíamos trazer a abordagem *no* meio ambiente em uma modalidade à distância. Ora, se os autores nos quais venho me referenciando argumentam por uma ontologia na qual não há dissociação entre corpo~mente~mundo/ seres humanos~não humanos, é possível ter uma experiência estética da natureza por meio de aparatos tecnológicos?

Ademais, como o meu/ seu corpo está posicionado e quais os movimentos corporais realizados e produzidos em uma experiência com mediação tecnológica? Quais as percepções e conexões são estabelecidas com a "natureza virtual"? Qual o papel da tecnologia na educação ambiental? Se o uso de aparatos tecnológicos e virtuais forem capazes de substituir a experiência direta e "crua" na natureza, isso não poderia justificar o aumento do desmatamento, poluição e outros impactos ambientais negativos?

Referências

IHDE, D. *Existential technics*. New York, NY: State University of New York Press, 1983.

INGOLD, T. *Anthropology and/as Education*. New York, NY: Routledge, 2017.

GOUGH, N.; GOUGH, A. Environmental education. In: KRIDEL, C. (Ed.). *Encyclopedia of Curriculum Studies*, v.1, Thousand Oaks: Sage Publications, 2010, p. 339-343.

LAYRARGUES, P.P. (coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2004.

LUCAS, A. M. *Environment and environmental education: conceptual issues and curriculum implications*. Melbourne,

Victoria: Australian International Press and Publications, 1979.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção* (trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PAYNE, P. The technics of environmental education. *Environmental Education Research*, vol. 09, n.04, 2003, p. 525-541.

PINK, S. *Doing sensory ethnography*. London, UK: Sage, 2009.

STEVENSON, R.B.; BRODY, M.; DILLON, J.; WALS, A.E.J. (Eds). *International Handbook of Research on Environmental Education*. New York, NY: Routledge, 2013.